



## **NOTAS DE UMA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O HOMEM/MULHER DO CAMPO SUA EDUCAÇÃO E CULTURA**

João Antônio de Sousa Lira

[joao.lira.antonio@hotmail.com](mailto:joao.lira.antonio@hotmail.com)

**Resumo:** Este texto tem por objetivo descrever as primeiras aproximações com o homem/mulher do campo e sua educação e cultura. Faz parte de um recorte do trabalho de conclusão de curso de graduação em pedagogia onde se analisou as formas em que os moradores da comunidade Tabuleiro do Mato no Município de Floriano-PI eram educados e se educavam desde a educação informal à educação formal no período de 1950 a 1980. Assim buscou-se neste texto discorrer sobre as aproximações com o campo de pesquisa através de análise do diário de campo, onde foram registrado o caminho da pesquisa percorrido pelo pesquisador, angustias e tensão. Usou-se como referencial teórico Brandão(2007), Le Goff (1994), Halbwachs (1990), Minayo (2011), Souza (2009), dentre outros. Assim percebeu-se que o modelo de educação levado ao campo é “cidatina” e que não contempla elemento de identidade e de cultura popular.

Palavras-chave: História e Memória. Homem/mulher do Campo. Educação Popular.

### **Introdução**

O campo e a cidade foram historicamente, representados como espaços antagônicos, e desde a Revolução Industrial estes espaços vêm se tornando mais opostos, situação em a cidade é vista como o lugar do progresso e da sabedoria e o campo como o lugar do rude, como podemos perceber pela própria raiz da palavra rural, que vem do latim *rurale*, que significa rústico, rude. Pereira (2010, p.2) nos diz que “surge, a partir da invenção da máquina e de sua inserção no processo produtivo, uma nova organização social, modificando a estrutura política, econômica, cultural e filosófica herdadas da Idade Média pelo Feudalismo, as quais eram predominantemente agrárias”. Desse modo, os saberes do povo do campo se perdem diante dessa nova estrutura social, assim, o campo figura como o lugar do homem sem saber, bobo, com uma cultura de atraso e a cidade como um modelo a ser seguido.



Então, a categoria rural soa como o lugar do pejorativo, do desconhecido, do desconhecimento da cultura, da educação e das tramas sociais estabelecidas, assim o desafio da pesquisa é justamente este: conhecer o desconhecido. Neste sentido, estamos falando em educação como um termo amplo que abrange a educação escolarizada e a não escolarizada e corroborando com Brandão (2007) quando afirma que ninguém escapa da educação, de um modo ou de outros todos envolvemos momentos da nossa vida com ela. Para mim a História da Educação desses atores anda esquecida; e concordo com Certeau (2011) quando ele diz que o esquecimento é compreendido como uma ação contra o passado.

É importante, porém ressaltar que o rural, não é uma categoria imutável, está sempre se transformando. Apesar de muitas vezes o povo do campo ser esquecido, não implica dizer que a categoria rural é algo a-histórico.

### **Metodologia**

A presente pesquisa situa-se no campo das abordagens qualitativas de investigação científica, considerando que estas consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas.

De acordo com Minayo a abordagem qualitativa (2011, p. 21) “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, ou seja, dos elementos subjetivos que fazem parte de uma realidade social concreta em. Assim, no âmbito da abordagem qualitativa esta pesquisa se caracteriza como descritiva. Para Cervo et. al (2007, p. 61-62) a pesquisa descritiva “busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica, e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas”.

Utilizamos como instrumento de produção de dados entrevistas o diário de campo pois, nele constaram informações provenientes de observações, das primeiras impressões sobre o campo de pesquisa, das indagações que o pesquisador carregará sobre si e sobre o campo de atuação, das impressões sobre os sujeitos, as curiosidades da vida cotidiana que às vezes serão desconhecidas pelo pesquisador. De acordo com Souza (2009) o diário também tem por função revelar a trajetória da pesquisa, os caminhos trilhados na tentativa de apreensão do objeto tema investigado.



Esta fica localizada aproximadamente a 10 km de Floriano. Não foi uma tarefa fácil realizar esta pesquisa, pois não foram encontrados estudos anteriores que se interessassem pela problemática histórica da educação destes moradores dentro do recorte temporal escolhido

### **O lócus da Pesquisa: lembranças e anotações**

Então o campo sempre nos causou estranheza e para desmistificar estas representações, fomos nos aproximando da realidade campesina de *mansinho* na comunidade Tabuleiro do Mato no Município de Floriano-Piauí. Como se fôssemos entrar num mundo desconhecido. Assim cuidadosamente preparamos nosso primeiro contato com nosso *lócus* de pesquisa:

[...] minha professora me avisou que tinha uma conhecida na comunidade e que havia falado com ela que iríamos fazer uma pesquisa sobre a educação entre os anos de 1950 a 1980 e pediu para que nos apresentassem pessoas que tinham vivido esse período. Então, logo marcamos a visita para o dia seguinte. Na noite do dia 20, fiquei pensando sobre o rumo da pesquisa e me vieram algumas indagações: quem são essas pessoas? como viveram e como vivem? dentre tantas outras. Preparei o material para a produção de dados, câmara digital, gravador de áudio, termo de consentimento livre e coloquei alguns biscoitos na mochila. (Diário de campo, 20 de julho de 2013).

Assim, aos poucos fomos nos desprendendo do espaço da cidade e reaprendendo a olhar para o campo e redescobri-lo:



Foto 5- Cacto na entrada da comunidade.  
Fonte: Arquivo do pesquisador

Acordei por volta das 6:00h, e logo fui para casa da professora, pois tínhamos combinado de irmos para a comunidade as 8:00h, e assim o foi. Então fomos eu e a professora. No caminho a paisagem começava a mudar, o asfalto dava lugar a uma estrada de barro e piçarra, os terrenos baldios logo eram substituídos por árvores típicas do semi-árido, no caminho casas simples com criação de porcos, galinhas, cabras... (Diário de campo, 21 de junho de 2013).

Este é o lugar da população campesina que lhe constrói e contribui para sua identidade cultural. Por isso, tudo nos encantava e fazia aumentar nossa curiosidade em conhecer quem seriam os moradores do lugar. Assim:

Então chegamos à comunidade, na casa da conhecida da professora, que logo nos levou a casa de um casal, então caminhamos um pouco, logo chegamos a casa, na entrada uma porteira, e avistamos uma senhora de corpo frágil, vestido azul. Ouvimos o latido de um cachorro e a senhora não falava coisa com coisa. Então uma mulher veio em nossa direção e nos deixou entrar. Como de praxe de todo pesquisador, tivemos que ganhar a confiança dos sujeitos para depois podermos entrevistá-los, por isso explicamos o motivo da visita e algo nos surpreendeu: a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

senhora qual nos despertou interesse sofria do mal de Alzheimer. (Diário de campo, dia 21 de junho de 2013).

Além de todo o ambiente nos despertar estranheza, mas ainda nos causou esta sensação nossa provável colaboradora, primeiro por ser idosa. Pertencer a esta geração em nossa sociedade soa como pejorativo, carregado de descrédito, uma vez que, muitas de suas habilidades motoras, sua memória, a dificuldade de se encontrar na sociedade moderna encontram-se arraigadas de preconceitos contra os mesmos. Quando lançamos olhar sobre o ser mulher idosa estes preconceitos tomam uma proporção ainda maior, não pelo simples fato de ser idoso, mas pelo fato de ser mulher. Imagine agora, um ser idoso mulher, que é moradora do campo, e que sofre de mal de Alzheimer. São muitos estigmas que uma única pessoa carrega. Pois as mulheres ainda sofrem com ideologias que as colocam em condição de inferioridade, que se perpetuam e causam danos nas relações de gênero na sociedade contemporânea.

Assim, dividimos com o leitor a angústia em sabermos que D. Rosa sofria do mal de Alzheimer<sup>1</sup>, pois este é um tipo de demência que tem por principal característica a perda da memória recente, levando a esquecimentos. Deixando para segundo plano o aspecto médico e adentrando na perspectiva histórica, ao falar de memória e esquecimento Le Goff (1994, p.425) diz que “a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva”. Desse modo, a sabedoria de D. Rosa é tratada com descrédito na comunidade rural, descrédito este que também carregávamos ao nos encontrar pela primeira vez com a mesma.

Então nos veio mais uma indagação: “quem usaria narrativas de um sujeito que sofre de Alzheimer, para a tessitura de um trabalho que utiliza essencialmente a memória como principal fonte histórica?” (Diário de campo, dia 21 de junho de 2013).

---

<sup>1</sup> É uma síndrome com comprometimento da memória (alteração da capacidade de aprender informações novas ou de recordar informações antigas) associada a um prejuízo em pelo menos, uma das funções cognitivas (linguagem, gnosis, praxias ou funções executivas) e que interfere no desempenho social e/ou profissional. Associação Médica Brasileira e Agencia Nacional de Saúde Complementar. [http://www.projetodiretrizes.org.br/ans/diretrizes/doenca\\_de\\_alzheimerdiagnostico.pdf](http://www.projetodiretrizes.org.br/ans/diretrizes/doenca_de_alzheimerdiagnostico.pdf). Acessado em 05/02/2014.



Halbwachs (1990, p. 32) diz que “no caso dessas amnésias patológicas que se referem a um conjunto bem definido e limitado de lembranças, constatou-se que algumas vezes, após um choque cerebral, esquecemos o que se passou em todo um período, em geral antes do choque, remontando até certa data, enquanto nos lembramos de todo o resto”. Assim, esquecer um período de sua vida é deixar de existir durante esse período. Mas, ao contrário do que se possa supor, algo a mais nos despertou interesse naquela senhora, a ponta de a destacarmos como personagem importante desta pesquisa:

Sentamos na cozinha de dona Rosa e logo percebemos que a mesma tinha muito a nos falar, a contar de suas vivências. A pesquisa surpreende, as pessoas surpreendem ainda mais. Então dona Rosa passa da identidade uma “*velha*” com Alzheimer para um sujeito de pesquisa que evoca suas memórias, e se mostra uma guardiã dos saberes populares, das cantigas de rodas e dos saberes “místicos”. (Diário de campo, dia 21 de junho de 2013).

A partir daí começamos a perceber que o homem/mulher do campo tem características bem marcantes em sua identidade, em seu modo de vestir, de andar, de sua moradia, nas suas “digitais” marcadas pelo trabalho diário na roça, no “vaqueirismo<sup>2</sup>”. Assim:

O esposo de D. Rosa não se encontrava quando chegamos, então o esperamos chegar, para podermos conversar. Por volta das 10:30 h, entra na cozinha aquele senhor simpático, com chapéu de massa, mãos calejadas, camisa de botão. Refizemos todo o processo novamente, explicamos o objetivo de estarmos ali, perguntamos se ele concordaria a participar da pesquisa, lemos o termo de consentimento, e depois de uma boa conversa ele aceitou a participar. (Diário de campo, dia 21 de junho de 2013).

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Sr. Vitor para representar o vaqueiro em sua atividade.



A imagem abaixo retrata um pouco o estilo de vida e da cultura interiorana:



Foto 6- Casa de moradores da comunidade Tabuleiro do Mato  
Fonte: Arquivo do pesquisador

Sabemos que a arquitetura expressa também a cultura e os elementos naturais de um lugar. Neste âmbito, Sr. Vitor nos explica que, “até 1950 a casa era de taipa, ai eu fiz a minha adobo [...] ai cobri de palha, a palha rasgada da palha de Buriti”. Nesta breve fala, observamos as condições de moradia da época, se observamos a imagem à cima e compararmos com a fala de Vitor, podemos dizer que pouca coisa mudou, uma vez que a casa retratada na imagem ainda é de taipa, a diferença é que a cobertura é de telha. Até porque a palha de buriti são os elementos da natureza que se encontram à disposição, no bioma em que vive, um misto de cerrado e de caatinga.

Assim, Tarsila do Amaral em sua obra de arte Abaporu, pintada em 1928, retrata o homem do campo de cabeça pequena com mãos e pés grandes, como se estivesse sendo evidenciado o morador do campo mais como alguém que trabalha do que como alguém que pensa. Acreditamos que esta forma costumeira de ver o morador do campo é construída a partir do ponto de vista de uma cultura que se julga superior: a cultura dos *homens letrados*. Esquecem que os costumes e o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

modo de ser do povo campo são diferentes daqueles da cidade, como podemos ver através destas observações:

Na ida passei por alguns vaqueiros e em conversas informais fui perguntando para onde iriam e por coincidência estava tendo festejo na comunidade Nossa Senhora da Guia. Eles me disseram que estavam indo para as corridas de cavalos que aconteceriam mais tarde, essa situação me ocorreu por volta das 9:00h da manhã. Passei por algumas casas com criações de animais como porcos, galinhas, bode, e me senti realmente no campo, uma realidade tão distinta a tão poucos quilômetros de Floriano. (Diário de campo, 15 de setembro de 2013)



Foto 7- Cela do Sr. Vitor  
Fonte: Arquivo do pesquisador

A figura do vaqueiro parece estar em descompasso com a sociedade contemporânea, até mesmo no campo. No entanto, a poucos quilômetros da cidade de Floriano ainda é possível a admirar o ofício de vaqueiro, tipo característico piauiense. Vimos isso como uma como um modo de preservar as raízes do campo e seus sabres. Neste sentido nos perguntamos qual o papel da educação para preservar estas raízes.





## Considerações finais

Vemos, os saberes do homem do campo, todos os dias sendo atingidos por uma gama de informações que desqualificam sua cultura, estão incorporando outras memórias que não lhes são próprias.

Em uma de minhas visitas à comunidade ganhei alguns cajus, e o gosto doce do caju me fez lembrar da pesquisa histórica em educação, a casca que cobre a castanha representa a resistência dos moradores de início em contar sobre sua vida para um desconhecido, a castanha representa a sabedoria popular, e o caju, o pseudofruto representa a história de uma comunidade que foi esquecida, mais quando mordido e saboreado, vem à tona histórias e memórias carregadas de lágrimas doce, de saudades.

Então pensamos que a educação, por ser um direito social deve ser assegurada a todos, mas respeitando a cultura local. Enfatizamos isto por perceber que o modelo de educação que é levado ao campo é “cidatina” e que não contempla elemento de identidade e de cultura popular.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2007.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOLFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernado leitão. 3ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.

MINAYO. Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **O urbano e o Rural: discussões teóricas e perspectiva de análise**. A MARGem - Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes / ISSN 2175-2516.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

SOUZA, Sandro Soares. Memórias, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. Entrelugares- Revista Sociopoética e Abordagens Afins. Vol 1. Nº setembro, 2008/fevereiro 2009, disponível em: [www.entrelugares.ufc.br](http://www.entrelugares.ufc.br). Acessado em 14/07/2016.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)